

Notícias da Mocidade

Nascer, morrer, renascer ainda e progredir sempre, tal é a lei – Allan Kardec

Edição de Julho de 2022

Um desafio chamado família

Marcelino Pereira da Cunha

Eu e a vida

Hoje, no café da manhã, só com minhas reflexões, descobri que sou uma pessoa idosa. Fiquei muito contente porque não sou velho.

Tive essa confirmação porque se fosse velho não teria essa concepção. O velho apenas reclama, não observa o tempo presente, vive no passado observando o sofrimento e sentindo tudo isso na pele no decorrer da vida. Choraminga o que não pode conseguir.

O idoso, pelo contrario, vê a vida por outro ângulo. O passado, seja o que for, foi momento de aprendizado. O futuro é investir no que aprendeu para novas realizações. É aproveitar o tempo restante no corpo físico e deixar um legado onde seus herdeiros possam usufruir para o bem comum.

Seja a existência como for, sempre há algo promissor a ser colhido.

Se plantou o bem, ótimo. Se não, resta aprender com os prejuízos pois o que não pode é ficar na lamentação. Aí torna-se um velho.

Nem a própria pessoa suporta o choramingar de alguém nos cantos da casa na plena lamúria e padecimentos incontáveis, pois, assim, o clima familiar fica pestilento, doentio e sufocante.

Portanto, o antídoto para isso será um toque, uma gota apenas de sorriso e otimismo, para a mudança do cenário. Será a criatura disponibilizar-se de um abraço reconfortante e o cenário será mudado para um retumbante clima de sublimação.

O sofrimento e a dor são dois estados da nossa existência que modificam de acordo com nosso proceder. O sofrimento é fruto do nosso modo de agir com relação à dor.

Sufrimento depende de nós e a dor não tem como evitar. Falamos aqui da dor moral. Então o modo que agimos em relação à dor moral, surge o sofrimento, principalmente no avançar da idade, onde tudo acontece. São necessários aprendizado e disposição para termos paz e felicidade.

Aprender a viver cada momento sem parar no passado e nem avançar para o futuro. O nosso passado deve ser observado como um retrovisor de um veículo, deve ser brevemente observado pelo condutor. Se ficar parado

nele, o acidente será inevitável, mas, ao mesmo tempo, é muito importante uma observação rápida de momento a momento porque assim pode-se evitar aborrecimento. O idoso aprende que tudo na vida é e será sempre para nosso uso e não para nosso abuso.

Lembremos aqui do enunciado do apóstolo Paulo “Tudo me é lícito, mas nem tudo me convém”.

Que Jesus continue a nos abençoar!

Histórias que a vida conta

Marcelino Pereira da Cunha

Gruta do destino

Baseado em relato ouvido do parapsicólogo Prof. Henrique Rodrigues Zantur Hakesh era um maometano, rígido observador dos preceitos do alcorão.

Certo dia, indo à mesquita rezar, um mendigo maltrapilho lhe estendeu a mão. Ele, num gesto automático remexeu os bolsos, naqueles roupões dos árabes em que até as algibeiras são difíceis de encontrar, prendeu uma moedinha entre os dedos indicador e médio, soltou-a nas mãos do pedinte e se dispunha a seguir caminho, quando o esmoler se identificou: não era um mendigo verdadeiro, mas um Eloin. Eloin, como se sabe (creem eles, os mulçumanos), são gênios espirituais enviados por Alá a fim de ver como andam os fiéis aqui na Terra.

Dando-se a conhecer, o gênio, que se disfarçara de mendigo, disse-lhe:

— Bom homem, em recompensa pela moeda que me deu, é dado-lhe passar cinco minutos na Gruta do destino.

Na Gruta do destino, como se sabe (sabem eles...) fica o Livro da Vida, onde estão escritos os nomes de todos os fiéis de Alá e a respectiva sorte.

Transportando-o pelos seus poderes mágicos até o interior da gruta, o anjo deu-lhe uma borracha e um lápis, recomendando:

— Aí está o Livro da Vida, abra-o, procure pela ordem o seu nome e veja o que nele está registrado. O que for bom, deixe, o que for ruim, você pode apagar e corrigir.

Virou a ampulheta do tempo, que assinalava exatamente os cinco minutos e desapareceu.

Nosso personagem, todo faceiro com a imprevista oportunidade, começou a folhear o livro. Logo na primeira página com o nome de quem se depara? — Abdul Bem Arefi, juiz que, outrora, o havia condenado a quatro anos de prisão, por uma de suas falcatruas. Ao invés de compreender que o magistrado apenas cumprira o dever, na função que lhe era própria, disse de si para consigo:

— É agora, miserável, que você me paga!

Apagou todas as boas previsões que estavam registradas em seu destino e pespegou, sem consideração, uma série de infortúnios. Passou mais umas tantas folhas e... quem é que vê agora? Quase por acaso dá com as vistas justamente em cima do nome de Samira Haizin. Essa era a morena de quem fora enamorado nos tempos de sua juventude. A união entre ambos não deu certo, cada qual se consorciou por um lado e ele, não entendendo que aquilo fora devido a circunstâncias que não dependeram da vontade de ambos, assinalou grande mágoa por todo o tempo, desafogando-a neste momento:

— Agora é que vai ver quanto dói uma saudade! — e aplicou na pobre mulher viuvez precoce, abandono e solidão...

Continuando a passar as folhas do livro, chegou, finalmente, à letra Z, onde se deparou com seu nome: Zantur... Quando leu o que ali estava escrito, apavorou-se. Em razão de todas as falhas que havia cometido até então, uma série de dores e reveses estava prevista. Um suor álgido escorreu-lhe pela frente e deu-se pressa em apagar tudo aquilo e consignar bons presságios. Quando, porém, estendeu a mão para pegar a borrachinha, viu que na ampulheta do tempo, à sua frente, escorriam os últimos grãos de areia do prazo que lhe foi concedido. E, da mesma forma imprevisível como fora introduzido na gruta, dela se viu fora, sem ter abolido uma vírgula sequer das disposições de seu próprio destino.

Pingos de Luz

Sulamita de Almeida

Nossos filhos são espíritos

A ausência de religiosidade na formação integral dos filhos está levando à formação de uma geração materialista.

Os materialistas concentram todos os seus pensamentos na VIDA PRESENTE.

Não se preocupam com a vida futura, pois, para eles, não há vida após a morte.

Pensam somente em si. Isso estimula o EGOÍSMO, O ORGULHO E A VAIDADE.

Anseiam ser felizes a qualquer preço.

Travam uma sofrida batalha com o objetivo de conquistar a trilogia da felicidade: DINHEIRO, FAMA E PODER.

As consequências do materialismo são dolorosas:

os laços da verdadeira fraternidade e solidariedade são enfraquecidos; desenvolvem-se fobias, depressão e outros transtornos mentais e perde-se o sentido da vida o que pode levar ao suicídio.

Da mesma forma que se investe na formação intelectual dos filhos, faz-se necessário o investimento na educação moral.

Nossos filhos precisam saber que são muito mais que matéria, que somos espíritos imortais criados por Deus.

O Cristo encarnou como Jesus com a missão de nos mostrar quem somos, o que estamos fazendo aqui e para onde vamos...

As lições do Divino Mestre estão registradas no Evangelho e é nosso dever apresentá-lo às crianças e jovens.

Os pais que não apresentam o Evangelho de Jesus para os seus filhos encontram-se na "contramão" do verdadeiro destino do ser: o progresso moral e intelectual.

O ensinamento de Jesus tem como objetivo desenvolver a boa convivência do ser humano com Deus, consigo mesmo e com o próximo.

Transcrevemos a seguir observações oportunas da companheira Lúcia Moysés sobre o pensamento de alguns pais espíritas.

"Participando com certa regularidade do Movimento Espírita brasileiro, tenho tido inúmeras oportunidades de trocar experiências com companheiros de várias partes. Aprecio o diálogo. Tenho gosto em aprender coisas novas. O olhar do outro sob um prisma diferente do meu enriquece-me. Apesar de haver muitos anos de intensas trocas, ainda me espanto com situações que me são apresentadas.

Assim foi, por exemplo, quando ouvi de pais espíritas, em recente visita à Europa, a declaração de que não falam de Jesus com os seus filhos porque não desejam vê-los desajustados entre seus pares. Isso mesmo: são espíritas que se limitam somente ao aspecto filosófico e científico da doutrina, quando conversam com os filhos a respeito do espiritismo. Alegam que, em uma sociedade extremamente materialista e marcada pelo ateísmo, os filhos, sobretudo os que já se encontram na adolescência, vão se sentir mais aceitos se acompanharem a opinião da maioria dos seus colegas que rejeitam qualquer ideia de religião. Falar do Mestre Amado, ensinando-lhes as lições contidas no Seu Evangelho seria andar na contramão dos valores vigentes naquelas culturas."¹

Essa observação da companheira Lúcia não me causa estranheza. Estando envolvida com a evangelização espírita de crianças e jovens por vários anos, identifico esse padrão de pensamento em alguns pais.

No livro Coletânea do Além de autores diversos/Chico Xavier, no capítulo 66, Emmanuel nos alerta sobre a importância do Evangelho nos roteiros da evangelização espírita, o qual transcrevemos a seguir.

¹ <http://www.correioespirita.org.br/secoes-do-jornal/correio-educacao/1745-falemos-de-jesus>

Evangelização

Todos os estudiosos que solicitam de amigos do Além um roteiro de orientação não devem esquecer o Evangelho de Jesus, roteiro das almas em que cada coração deve beber o divino ensinamento para a marcha evolutiva.

Habitualmente, invoca-se a velhice de sua letra e a repetição de seus enunciados. O espírito do Evangelho de Cristo, porém, é sempre a luz da vida.

Determinados companheiros buscam justificar o cansaço das fórmulas, alegando que em Espiritismo temos obras definitivas da revelação, com o sabor de novidade preciosa, em matéria de esclarecimento geral e esforço educativo.

O Evangelho, todavia, é como um Sol de espiritualidade. Todas essas obras notáveis dos missionários humanos, na sua tarefa de interpretação, funcionam como telescópios, aclarando-lhe a grandeza.

É que a sua luz dirige-se à atmosfera interior da criatura, intensificando-se no clima da boa vontade e do amor, da sinceridade e da singeleza.

A missão do Espiritismo é a do Consolador que permanecerá entre os homens de sentimento e de razão equilibrados, impulsionando a mentalidade do mundo para uma Esfera superior.

Vindo em socorro da personalidade espiritual que sofre, nos tempos modernos, as penosas desarmonias do homem físico do planeta, estabelece o Consolador a renovação dos valores mais íntimos da criatura e não poderá executar a sua tarefa sagrada, na hipótese de seus trabalhadores abandonarem o esforço próprio, no sentido de operar-se o reajustamento das energias morais de cada indivíduo.

A capacidade intelectual do homem é restrita ao seu aparelhamento sensorial; todavia, a iluminação de seu mundo intuitivo condu-lo aos mais elevados planos de inspiração, onde a inteligência se prepara, em face das generosas realizações que lhe compete atingir no imenso futuro espiritual.

A grande necessidade, ainda e sempre, é a da evangelização íntima, para que todos os operários da causa da verdade e da luz conheçam o caminho de suas atividades regeneradoras, aprendendo que toda obra coletiva de fraternidade, na redenção humana, não se efetua sem a cooperação legítima, cuja base é o esclarecimento sincero, mas também é a abnegação, em que o discípulo sabe ceder, tolerar e amparar, no momento oportuno.

Para a generalidade dessa orientação moral faz-se indispensável que todos os centros de estudo doutrinário sejam iluminados pelo Espiritismo evangélico, a fim de que a mentalidade geral aplique-se à luta da edificação própria, sem fetichismos e sem o apoio temporal de forças exteriores, mesmo porque se Jesus convocou ao seu coração magnânimo todos os que choram com o "vinde a mim, vós os que sofreis", também asseverou: "tomai a vossa cruz e segui-me!", esclarecendo a necessidade de experiências edificantes no círculo individual.

Resumindo, somos compelidos a concluir que, em Espiritismo, não basta crer. É preciso renovar-se. Não basta apreender as filosofias e as ciências do mundo, mas sentir e aplicar com o Cristo.

Relendo o livro “LIBERTAÇÃO”

Regina Célia Lanne

CAPÍTULO IX – Perseguidores Invisíveis

Nesse capítulo, André Luiz, através da mediunidade de Chico Xavier, elucida ocorrências impressionantes, durante missa celebrada na igreja, onde Margarida e seu esposo comparecem, em busca de auxílio espiritual.

A equipe de André Luiz, acompanhada de entidades ignorantes e transviadas, dirigiu-se para uma residência em um grande prédio, rodeado por jardins, ocupada por muitas entidades desencarnadas, de aspecto deprimente e vigiadas por carcereiros frios e impassíveis. Para estarem ali, Gúbio, André e Elói mudaram suas organizações perispirísticas, tornando-as opacas e escuras.

Saldanha liderava o grupo, propondo apertar o cerco com a finalidade de apressar a morte de Margarida.

Ao auscultar as condições gerais da doente, perceberam que a mulher, ainda jovem, estava extremamente pálida, sob o jugo de dois desencarnados. Em sua cabeça, havia dezenas de corpos ovoides de vários tamanhos e cores diversas, assemelhando-se a sementes vivas, atadas ao cérebro da doente por meio de fios sutis dispostos na medula alongada, vampirizando-a.

Analisando a zona física hostilizada, André Luiz observou que todos os centros metabólicos da doente apareciam controlados por hipnotizadores. A pressão sanguínea estava totalmente descontrolada. A região do tórax apresentava feridas na epiderme. As fibras e células nervosas estavam sendo destruídas. Os nervos óticos afetados causavam o espanto no olhar de Margarida, quase finalizando seus dias de vida.

Gúbio quis conhecer a realidade sobre o esposo de Margarida. Saldanha, com sorriso irônico, declarou não ser este um mau homem, mas sem qualquer noção de vida moral. E acrescentou que, naquele dia, o esposo havia programado levar Margarida à igreja em busca de auxílio espiritual para a esposa doente.

Tomadas as devidas providências, os cônjuges tomaram um táxi para se dirigirem à igreja.

André Luiz ficou pasmo com o que observou.

Uma súcia de perseguidores acompanhou o veículo em grande algazarra, e no recinto sagrado permaneceu com o intuito de perturbar o ambiente.

Na igreja, o clima era pesado.

Dos adornos e objetos do altar emanava doce luz.

Contemplando a bonita claridade advinda dos nichos onde imagens de santos localizavam-se, André inquiriu Gúbio sobre a adoração de imagens, condenada pela lei mosaica.

Gúbio esclareceu que o caso lembra crianças acalentando bebês de brinquedo. Fez referência aos povos primitivos que adoravam o Pai Celestial na voz do trovão e idolatravam ídolos. Esclareceu o instrutor que o Senhor não os abandona, vale-se dos impulsos elevados e socorre-lhes as necessidades.

Nesta casa de oração, os altares recebem projeções de matéria mental sublimadas dos crentes.

Alçando o olhar sobre a multidão, André Luiz percebeu que a maioria dos presentes estavam distanciados da verdadeira adoração a Divindade e apresentavam um halo vital de baixo padrão vibratório, refletindo cores sombrias. Em alguns, dominavam fluidos pardo-escuros e o cinzento-carregados ou rubro-negros, denunciando sentimentos de cólera e vingança. Entidades desencarnadas ali estavam por todos os cantos.

No início da liturgia, o sacerdote e acólitos jaziam em sombras, sucedendo o mesmo aos assistentes.

Entretanto, procedendo do mais alto, três entidades de sublime posição hierárquica, fizeram-se visíveis no altar, para semear benefícios divinos aos presentes. Magnetizaram as águas expostas, saturando-as de fluidos salutares e vitalizantes, assim como acontece nas sessões de Espiritismo Cristão e, em seguida, fluidificaram as hóstias, transmitindo-lhes energias sagradas.

No entanto, nem de longe, as pessoas perceberam a presença dos nobres emissários espirituais que agiam em nome do bem.

Embora houvesse esforços para melhorar as atitudes mentais na oração, muitos não conseguiam assimilá-las, pois estavam ligados mentalmente a vibrações inferiores, sob as influências dos malfeitores desencarnados.

Gúbio, estendendo o olhar pela multidão, aparentemente contrita, acentuou que a missa é um ato religioso tão venerável quanto qualquer outro em que os corações procuram identificar-se com a Proteção Divina, mas poucos assimilam esse auxílio espiritual, deixando-se influenciar pelos desencarnados que se incumbem de arrefecer o fervor.

A missa encaminhava-se para o final, quando, no recinto André percebeu que espíritos sublimes dirigiam-se ao altar onde o celebrante elevava o cálice, após abençoar as hóstias. Intensa luminosidade fluía do sacrário, envolvendo todo material do culto.

Contudo André Luiz pode observar que o sacerdote, ao erguer a oferta sublime, apagou aquela luz radiante, que foi substituída por raios escuros e cinzentos, expedidos por ele em todas as direções. Quando hóstias foram distribuídas aos fiéis comungantes mostravam-se como autênticas flores de farinha coroadas de doce esplendor. Irradiavam tanta luz e magnetismo

que as mãos do celebrante não conseguiam inutilizá-las. Em frente à boca de muitos, que pretendiam receber o pão simbólico, enegreciam como por encanto. Somente uma senhora, entre os comungantes, recebeu a flor divina com a pureza desejável. A hóstia atravessou a faringe e sua claridade alojou-se em pleno coração.

Gúbio, ao terminar a celebração, inquiriu André sobre aquele aprendiz e esclareceu que o celebrante agia de forma inconsequente e estava despreparado mentalmente para a função. Achava-se sumamente interessado em terminar a cerimônia para não perder uma alegre excursão em perspectiva. Naquela cerimônia havia muitos crentes titulares, entretanto, muito poucos amigos do Cristo e servidores do bem.

O *"ite, missa est"* (ide, a missa terminou), dispersou os fiéis que mais se assemelhavam a um bando barulhento de passarinhos de bela plumagem.

Quanto a Margarida e o esposo, regressaram ao lar seguidos do mesmo séquito de entidades infelizes, sem qualquer alteração.

Reflexões

Ante a luz da Verdade

Conhecereis a verdade e a verdade vos libertará. Jesus (João, 8:32.)

A palavra do Mestre é clara e segura. Não seremos libertados pelos "aspectos da verdade" ou pelas "verdades provisórias" de que sejamos detentores no círculo das afirmações apaixonadas a que nos inclinemos.

Muitos, em política, filosofia, ciência e religião, se afeiçoam a certos ângulos da verdade e transformam a própria vida numa trincheira de luta desesperada, a pretexto de defendê-la, quando não passam de prisioneiros do "ponto de vista".

Muitos aceitam a verdade, estendem-lhe as lições, advogam-lhe a causa e proclamam-lhe os méritos, entretanto, a verdade libertadora é aquela que conhecemos na atividade incessante do eterno Bem.

Penetrá-la é compreender as obrigações que nos competem.

Discerni-la é renovar o próprio entendimento e converter a existência num campo de responsabilidade para com o melhor.

Só existe verdadeira liberdade na submissão ao dever fielmente cumprido.

Conhecer, portanto, a verdade é perceber o sentido da vida.

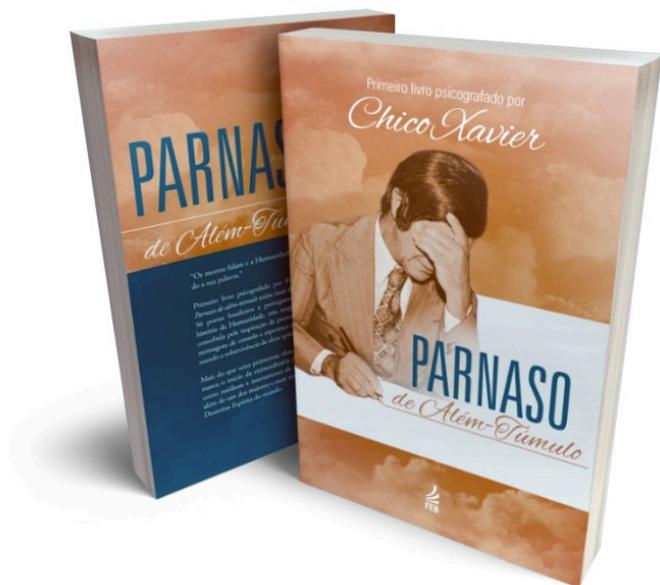
E perceber o sentido da vida é crescer em serviço e burilamento constantes.

Observa, desse modo, a tua posição diante da Luz...

Quem apenas vislumbra a glória ofuscante da realidade, fala muito e age menos. Quem, todavia, lhe penetra a grandeza indefinível, age mais e fala menos.

Emmanuel/F.C. Xavier – Livro: Fonte Viva

Dicas de leitura



Parnaso de Além-túmulo

6 de julho de 1932. Naquela quarta-feira de 90 anos atrás a Federação Espírita Brasileira publicava uma obra que causaria alvoroço. Escrita por um rapaz de apenas 22 anos de idade, oriundo do interior de Minas Gerais, Parnaso de além-túmulo trazia poemas assinados por grandes nomes da língua portuguesa. Generosamente abriam-se as portas para o grande médium de Pedro Leopoldo.

Legítimo marco na história da Humanidade, hoje reúne mais

de 200 textos ditados por 56 poetas brasileiros e portugueses. Mais do que uma primorosa obra, Parnaso de além-túmulo marca o início da jornada de Francisco Cândido Xavier como instrumento de Jesus na Terra.

Um dos muitos intelectuais impactados pelo livro foi o conhecido cronista Humberto de Campos. Anos mais tarde, já desencarnado, ele diria à sua mãe, na obra Crônicas de além-túmulo, seu primeiro pela psicografia de Chico Xavier, em 1937:

“A mão que me serve de porta-caneta é a mão cansada de um homem paupérrimo, que trabalhou o dia inteiro buscando o pão amargo e cotidiano dos que lutam e sofrem. [...] O telhado sem forro deixa passar a ventania lamentosa da noite e desse remanso humilde, no qual a pobreza se esconde exausta e desalentada, eu te escrevo sem insônias e sem fadigas, para contar-te que ainda estou vivendo para amar e querer a mais nobre das mães.”

Era a realidade daquelas mãos simples e amorosas que psicografariam mais de 400 livros e inúmeras cartas que instruíram e consolaram multidões de corações aflitos e de mentes sedentas de luz.

(fonte: <https://www.febnet.org.br/portal/2021/07/06/91231/>)

Francisco Cândido Xavier, conhecido por Chico Xavier ficará imortalizado pela contribuição que ele nos legou, fruto do seu trabalho e desprendimento em prol da propagação da Doutrina do Cristo.

Aproveitemos a oportunidade que nos é concedida e nos dediquemos ao estudo das obras que chegaram até nós pelas mão missionárias de Chico Xavier, a fim de melhor entender os ensinamentos de Jesus.

O Notícias da Mocidade é uma publicação mensal e constitui-se num instrumento de divulgação doutrinária da Mocidade Espírita André Luís da Silva, do Grupo Espírita da Amizade.

GRUPO ESPÍRITA DA AMIZADE

Rua Araguari, 270 – São Cristóvão – CEP 38.184-080 – Araxá /MG



Presidente: Marcelino Pereira da Cunha

Coordenadora da Mocidade Espírita André Luís da Silva: Márcia Montandon de Lima Chaves

Jornal Notícias da Mocidade

Colaboradores: Jaomar Zanolini Nazareth, Marcelino Pereira da Cunha, Oscar Montandon Lima, Regina Lanne e Sulamita de Almeida.

Redação, montagem e diagramação: José Ribeiro Chaves Filho (1993 à 2021 – *in memoriam*)

Criação da versão digital: Jordana de Lima Chaves

Revisão: Sandra Maria Oliveira Rocha.

Impressão: Gráfica São Geraldo (1993 à 2021)

Os colaboradores não recebem remuneração a qualquer título.

A opinião dos colunistas não reflete a opinião do jornal.